

O TIRO CIVIL

Órgão dos Atiradores Civis Portuguezes

Publicações

Anúncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 12 de setembro de 1895

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	1,5000 "

RESUMO

Cartas acerca das espingardas de caça, por N. Gonçalves. — A instrução de tiro no regimento de cavallaria n.º 4, por X. — Tiro civil: Educação civica. Associações de tiro civil no paiz. Sua criação em Vizeu, por S. — Frederico Lüthi, o primeiro atirador. — A caça. — Os decaños dos caçadores. — O ricochete das flechas, por Baptista de Sá. — Legislação sobre pesca: regulamento geral dos servios aquícolas. — Um «avolizos» no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto. — Anúncios.

CARTAS

Á CERCA DAS

ESPINGARDAS DE CAÇA

III

MEU CARO AMIGO:

FALEI-TE do systema de repetição das espingardas de caça — e de *quisbundam alliis*, nas minhas primeiras cartas.

Tratarei hoje das condições geraes de um bom cano, sem as quaes pouco valerá a espingarda do mais perfeito systema, da mais filigranada fecharia, nas mãos do mais correcto atirador.

Desde já te previno que não é minha intenção fazer d'estas ligeiras cartas um suporifero tratado de armeria theorica e pratica, embora, uma vez por outra, a natureza do assumpto me obrigue a tomar a grave feição do pedagogo, que vae dizer cousas terriveis aos ouvintes desprevenidos.

**

O cano de uma espingarda tem por fim essencial a solução das seguintes questões, da maxima importancia na pratica e na theorica do tiro:

a) Permitir que a bala ou os chumbos adquiram, á custa da energia da carga, a força destruidora sufficiente para abater a caça visada, quer esta seja um simples e inoffensivo plumitivo, quer seja o rei da criação, que dá pelo nome de homem, e que Platão definia, talvez menos psychologicamente, um animal bipede sem pennas;

b) Dar com facilidade, por meio da pontaria, a inclinação da linha de projecção conforme as distancias;

c) Fornecer, em egualdade de munições, um tiro de grande justeza, nos limites praticos do emprego efficaz das espingardas.

A força destruidora é em cada ponto do trajecto dos projectis medida por uma grandeza, que em mechanica recebe o nome de *força viva*, e obtem-se multiplicando a massa d'esses projectis pelo quadrado da sua velocidade; grande massa, que é como quem diz, grande peso, e grande velocidade são, pois, os factores indispensaveis á produção d'um grande efeito destruidor.

Infelizmente, entre o peso da bala, ou dos chumbos, o peso da carga, a veloci-

dade e a pressão desenvolvida pelo tiro no interior dos canos ha relações tão estreitas, que a modificação d'uma d'estas grandezas, necessariamente influe nas restantes, por vezes de modo essencialmente desastroso e praticamente inadmissivel.

No estado actual da balística, a energia da carga é posta em evidencia por meio d'uma reacção chimica, susceptivel de produzir, no limitadissimo ambiente d'uma camara de cartucho, massas enormes de gazes, a temperaturas quasi inverosimeis e de tal modo elevadas, que escapam a toda a apreciação directa, porque excedem as da fusão dos mais refractarios metaes.

Sabes que uma pouca de agua, instantaneamente vaporizada em contacto com as paredes de uma caldeira aquecidas ao rubro, produz nas machinas de vapor explosões terriveis, tratando a melhor chapa de ferro como se fôra unica e simplesmente uma fraca folha de cartão.

Imagina agora o que succederá, por exemplo, com uma carga de algodão polvora, sabendo que esta substancia produz, por kilogramma, á pressão atmospherica e reduzidos á temperatura do gelo fundente, em média, 800 litros de gazes diversos, e que este volume sensivelmente igual a 800 vezes o da carga no estado inerte, se encontra, no momento do tiro, a uma temperatura muito proxima, senão superior, a 3000º centigrados!

Dir-te hei, para te auxiliar a imaginação, que um simples gramma de algodão polvora detonando dentro d'um centimetro cubico, desenvolverá, sobre cada uma das faces d'este cubo, uma pressão de 9.600 kilogrammas, e que, nas mesmas condições, um gramma de cordite regularizar em Inglaterra para as espingardas do exercito, daria uma pressão de 10.400 kilogrammas!

Conservando, pois, a camara e a carga de chumbo, será por vezes imprudentissimo elevar de modo muito sensivel a carga de polvora, porque um cano dos mais perfeitos das espingardas de caça, difficilmente resistiria a 1/3 ou 1/4 d'aquellas enormissimas pressões.

Por outro lado, a velocidade maxima obtida pelo augmento da carga, está muito longe de crescer na mesma relação que as pressões: a resistencia do cano, das diversas partes que a elle se acham associadas para formar uma espingarda e ainda a resistencia do atirador ao recuo, fixam o maximo da pressão admissivel; a esta pressão para uma dada polvora, corresponderá uma certa velocidade inicial, e se quizermos augmentar o efeito destruidor será necessario, conservando-se a pressão e a velocidade, augmentar o peso da bala, para se alcançar a força viva indispensavel.

O meio de augmentar o peso de uma bala de chumbo será necessariamente simples: augmentar-lhe o diametro; e

como sabemos que o peso de uma bala homogenea é proporcional ao seu volume, e que este cresce com o cubo do raio, veremos que se duas armas atirassem á bala com a mesma velocidade, sendo a primeira de 10 e a segunda de 20^{mm}, o efeito mortifero d'esta será precisamente $(\frac{20}{10})^3 = 8$ vezes o da primeira.

Foi n'esta ordem de idéas que os nossos maiores aventaram a escala dos calibres não pela grandeza linear do diametro dos canos, mas pelo peso da bala que atiravam.

Dizia-se por exemplo, que um cano era de 14 *adarmes* quando atirava uma bala de peso tal, que seriam necessarias 14 para fazerem o peso de uma libra (0^k.4895).

A adopção das espingardas atirando projectis oblongos tornou esta escala pouco significativa, porquanto para o mesmo calibre, o peso do projectil variará com o seu comprimento, — e d'aqui a necessidade de adoptar para designação dos calibres as unidades lineares de uso corrente, quando se trata de armas de guerra.

Nas armas de caça é, porem, ainda de uso a designação antiga; não sabendo tu, provavelmente, sem calculos prévios, a correspondencia entre as diversas designações, offereço-te o quadro seguinte, calculado suppondo que o chumbo tem de densidade 11,35, isto é, que um decimetro cubico pesa 11^k.350:

32		13,7		13,0	13,1
28		14,35		14,2	17,0
24		15,1		15,0	20,1
20		16,05		15,9	23,9
16		17,3		17,1	29,7
14		18,05		17,6	32,4
12		19,0		18,6	38,8
10		20,2		19,8	46,2
8		21,7		21,6	60
4		27,4		26	104,5
Nominal.....	Calculado: milímetros.		Usado geralmente nas espingardas de basculo: mm.....		Peso da bala de chumbo do calibre usual: grammas.....
Calibre					

E' de notar que os calibres das diversas espingardas poderão differir 0^{mm},5 dos indicados, conforme a proveniencia; nos calibres exceptionaes de 4-8- etc., as differenças attingem por vezes valores ainda mais elevados.

Indicar-te-hei dentro em breve qual o calibre mais conveniente para as diversas especies de caça, e quaes as normas adoptar na sua escolha racional.

* * *

Postas as idéas geraes que precedem e dada a correspondencia entre o modo de fallar dos balísticos e o dos numerosos confrades em S. Humberto, que empregam ainda o antigo estylo, tratemos da organização interior do cano, isto é, do traçado da camara e da arma propriamente dita.

Será o assumpto principal da carta que vae seguir-se.

N. Gonçalves.

A INSTRUÇÃO DE TIRO

NO

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 4

COMO prometti, vou dar-lhe conta dos resultados alcançados com a pratica do tiro em cavallaria 4.

Este complemento indispensavel da instrução do caçador a cavallo, subdivide-se em dois ramos:

Tiro de revolver — Para officiaes e clarins.

Tiro de carabina — Para officiaes, sargentos, cabos e soldados.

Tiro de revolver

a) Para officiaes

Realizou-se na carreira de lanceiros 2, gentilmente offerecida pelo sr. coronel Dantas Baracho.

Segundo os preceitos regulamentares, cada atirador deveria disparar 90 tiros, dos quaes 45 em tiro continuo e divididos pelas nove sessões, feitas duas a 10, duas a 15, duas a 20 e uma a cada distancia de 30, 35 e 40 metros. O alvo foi o rectangular de 0^m,45 de lado, tendo inscriptas tres circumferencias de raios respectivamente iguaes a 0^m,05, 0^m,12, 0^m,17, constituindo a menor o centro, a *viçual*, ou a *mouche*. Até 20^m contaram-se apenas as balas que attingiram o alvo dentro do circulo de raio 0^m,17.

Não obstante estas restricções e a imposição do tiro continuo a todas as distancias, a percentagem média foi de 29,59, o que se pôde considerar extraordinariamente bom.

b) Para clarins

Fez-se por esquadões e na carreira da guarnição, em Pedrouços. O numero de tiros em cada sessão foi de 6 e seis as sessões: duas a 10, duas a 20, uma a 30 e outra a 40 metros. Os disparos fizeram sempre em tiro intermitente e sobre o alvo-figura, representando um homem de pé. A percentagem média não obstante a facilidade relativa do tiro foi de 26,15, sendo as melhores séries feitas pelos seguintes clarins:

Companhias

5.ª	27/2244	Agostinho Santos Brochado...	64	0/0
3.ª	31/2283	Diamantino.....	61	»
3.ª	24/2191	Antonio Jorge R. Coimbra...	50	»
1.ª	25/2436	José da Encarnação Esteves...	42	»

Tiro de carabina

a) Para officiaes

S. ex.ª o ministro da guerra, tendo em attenção as razões expostas pelo digno e illustradissimo coronel o sr. Honorato de Mendonça, sobre o valor da carabina *Snider*, a que terei occasião de me referir tambem mais adeante, ordenou que os officiaes fizessem fogo com a carabina K^m/1891.

Cada atirador deveria disparar 60 tiros divididos em seis sessões: tres a 100, duas a 200 e uma a 300 metros e sempre de pé e sobre alvos normaes d'estas distancias.

A percentagem média foi superior a 57 e maior seria, sem duvida, se tivessem feito de joelhos alguns dos tiros a 200 e deitados alguns a 300 metros.

No pequeno quadro junto poderá vê-se a percentagem dos melhores atiradores.

Revolver

1.º	Tenente-ajudante Sá Chaves.....	59	0/0
2.º	Capitão Aguiar.....	52	»
3.º	» Jalles.....	46	»
4.º	Coronel Mendonça.....	45	»
5.º	Tenente Trigueiros.....	36	»
6.º	» Alvim.....	35	»

Carabina

1.º	Capitão Campos de Carvalho.....	81,6
2.º	Tenente-ajudante Sá Chaves.....	80
3.º	Tenente-coronel Serrão.....	78,3
4.º	Cap. Aguiar e ten. Trigueiros.....	71,6
5.º	Alferes Lamy e Leiria.....	68,3
6.º	Coronel Mendonça.....	66,6
7.º	Alferes Verné.....	63,3
8.º	Capitão J. de Castro.....	60
9.º	Capitães Jalles e Vianna.....	58,3
10.º	Tenente Alvim.....	56,6

E' occasião de tratar da pratica do tiro feito pelos sargentos, cabos e soldados.

Por infelicidade, a nossa cavallaria portugueza está ainda municida com a carabina *Snider*, velha de 22 annos! calibre 14^{mm},6!! E como se esta circumstancia não bastasse para a condemnar como arma de guerra da actualidade, accresse o detestavel fabrico do cartuchame de que se serve. Gasta por 22 annos de serviço e de limpeza, não é raro que um atirador de 1.ª classe, com muitos exemplares d'esta carabina, tenha que fazer mais de 10 tiros para regular a pontaria a 300 metros sobre um alvo normal!! Nem se commenta.

Parece, porém, que vae acabar este triste estado de cousas. Devido á iniciativa do ex.^{mo} ministro da guerra, estudase a adopção da *Mannlicher*, de 6^{mm},5 que, senão é o ideal dos pequenos calibres, parece ser o limite da redução a que elles podem ser levados para as armas de guerra.

Que o problema se resolva a contento do nobre ministro é o que todos desejamos. Só assim a cavallaria portugueza será dotada com uma boa carabina, arma de que o cavalleiro terá muito de que servir-se na guerra de ámanhã. Para o desempenho da sua complexa missão, elle precisa ser um calção destemido e um atirador eximio!

Todas as velleidades quixotescas devem ter terminado para a cavallaria.

Na guerra do futuro não ha extremas prioridades entre os combates a cavallo e á arma branca ou a pé e a tiro.

Postas estas ligeiras considerações bastava agora relacionar as percentagens obtidas pelos primeiros entre os 22 ati-

radadores de 1.ª classe que o regimento apurou.

Em proximo de 300 atiradores 22 foram classificados de 1.ª classe. Isto é estupendo, se se recordar que atiraram com uma pessima carabina e uma polvora inqualificavel.

Companhias

6.ª	73/2363	soldado Francisco Vieira.....	73	0/0
4.ª	44/2315	» Lino Nunes.....	63	»
5.ª	74/2344	» Manuel Bernardino.....	63	»
4.ª	29/2119	1.º cabo José Gonçalves.....	61	»
1.ª	66/2387	soldado José Nunes.....	61	»
2.ª	5/2252	» Carlos Themudo.....	60	»
6.ª	100/2383	» Antonio Thiago.....	58	»
4.ª	2/1613	2.º sarg. José Vicente Dias.....	56	»
3.ª	105/1923	2.º cabo Francisco A. Martins.....	56	»
2.ª	1/2111	1.º sarg. Germano Augusto.....	55	»
5.ª	68/2164	soldado José Marques Grillo.....	55	»

Dentro em breves dias deve realizar-se o concurso entre os primeiros atiradores.

X.

TIRO CIVIL

Educação civica. — Associações de tiro civil no paiz. — Sua criação em Vizeu

Sob este titulo, publica o nosso estimavel collega *A Folha*, de Vizeu, um bello e conceituoso artigo, pelo qual lhe enviamos, e ao seu auctor, os nossos mais sinceros parabens.

Que bello exemplo a seguir por muitos dos nossos collegas que, perdoem-nos a franqueza, tantas columnas enchem com assumptos bem menos vitaes e interessantes, e em que a regeneração da nossa querida Patria e o engrandecimento d'ella, nada, absolutamente nada, lucraram com tantos e tão bellos elementos de propaganda como temos na imprensa de todo o paiz. Raro e muito raro vemos artigos que, como este devem merecer o applauso de todos os portuguezes que desejam vêr a sua Patria forte e respeitada.

Deve estar por de mais demonstrado que o facto de em todos os dias se pôr em evidencia a fraqueza do nosso exercito, os insultos que nos ferem as faces, ou as rapinas que as nações poderosas praticam nas nossas colonias, não tem influido em cousa alguma para os melhoramentos moraes e materiaes do nosso paiz; é bom que os discutamos, mas é bom tambem que não façamos só rethorica; esse tem sido um dos nossos maiores males. Aponte-se a doenca mas discuta-se o remedio e indique-se o tratamento; só é forte quem o quer ser.

Esperemos que estas nossas palavras sejam ouvidas por alguns dos nossos collegas; temos esperanca de que o nobre exemplo do nosso collega *A Folha*, seja seguido por muitos outros patriotas sinceros, que os temos e dos primeiros.

Pedimos venia para transcrever a parte d'esse artigo, que visa á criação d'uma associação de atiradores na formosa cidade de Vizeu e é o seguinte:

«Aqui em Vizeu, é de reconhecer que ha todos os elementos para se poder facilmente levar a cabo a criação d'uma associação identica: — temos uma carreira de tiro militar proxima da cidade; um regimento que, ao mesmo tempo que nos pôde fornecer armas, possui officiaes illustrados e briosos, que essa boa tarefa podem e devem desempenhar, e estamos certos hão de cumprir, para a realização pratica d'este desideratum.

Só, porém, do que não estamos certos é se ha a boa vontade de todos.

Mas capacitem-se da grande utilidade de taes instituições e essa boa vontade apparecerá.

Não se trata somente de se aprender a manejar uma arma e a visar bem o alvo.

Não ha n'isso só uma utilidade social immediata, uma necessidade da nossa Patria; ha tambem uma utilidade individual, familiar.

O manejo das armas de fogo, a esgrima, a gymnastica, os passeios de resistencia, a velocidade, a caça, a pesca, a instrucção, e até mesmo o recreio que vai em tudo isso, eis a complexidade do objecto d'estas associações, que trazem consigo immediatamente o desenvolvimento physico de todos nós e consequentemente a elevação espirital e mesmo a rija tempera dos caracteres bem formados, alta, mas honestamente intransigentes.

Sómente se não poderá realizar tudo junto aquillo que aqui fica acima.

Mas nao quer isso dizer que se não faça alguma cousa.

Siga-se a evolução natural das cousas: — principie-se pelo mais simples e crminhe-se para o mais complexo, o que quer dizer que demos o nosso esforço já á realisação do mais facil de realizar e caminhemos depois na conquista do restante.

Ahi deixamos a lembrança. Aos homens de boa vontade compete agora o resto, o que não quer dizer tambem que nós nos quedemos por aqui, não.

A Folha, devido á amabilidade do seu redactor, terá d'aqui em diante uma secção somente dedicada a este assumpto, secção que nós, nos limites das nossas mingudissimas forças, mas com vontade firme, procuraremos manter, e n'isto vai já tambem um appello aquelles de melhor e mais justificada competencia que nós, para que nos auxiliem n'esta tarefa.

Mas que vá de assentar tambem, e já, que ella se manterá completamente estranha a qualquer coterie politica.

E até breve. — X.»

S.

FREDERICO LÜTHI

O primeiro atirador

A *Gazeta dos Carabineiros Suissos*, publica n'um dos seus ultimos numeros a pequena biographia de Frederico Lüthi, que foi classificado como primeiro mestre atirador no tiro federal de Winterthur, depois de ter desde o principio d'este concurso affirmado a sua superioridade, obtendo a primeira corôa do concurso das primeiras taças, o que lhe haveria dado direito, se não fosse prohibido pelo regulamento, a receber duas vezes a medalha de mestre atirador.

Frederico Lüthi tem hoje 45 annos e está no pleno gozo de todas as suas faculdades como atirador. Pôde dizer-se que foi, graças á sua vontade tenaz, a admiravel perseverança que deve os bellos resultados a que chegou em 1895.

Outros, depois de brilhantes inicios, não souberam sustentar as promessas e estão hoje confundidos na massa dos atiradores.

Lüthi, pelo contrario, começou modestamente mas pôde dizer-se que, para elle, cada anno decorrido marcava um novo progresso.

Para o apreciar bastará ver os pontos feitos por elle no concurso de 100 tiros dos *Exercicios de l'Arquebuse e de la Navigation*. Este tiro consiste em uma série unica de 100 tiros que pôde ser feita em cada anno nos tiros ordinarios d'esta sociedade. O campo dos pontos é de 1^m,30 dividido em 20 pontos.

Em 1880, que foi o primeiro anno d'aquelle genero de tiro Lüthi, era o 11.º com 1.481 pontos; em 1881 o 8.º com 1.536 pontos; em 1882 o 5.º com 1.551 pontos; em 1883 o 6.º com 1.586 pontos; em 1884 o 5.º com 1.581 pontos; em 1885 o 2.º com 1.623 pontos; em 1886 o 1.º com 1.646 pontos; em 1887 o 1.º com 1.663 pontos. N'este momento foi declarado atirador fóra de concurso e não to-

mou parte no tiro senão sob o ponto de vista comparativo.

Fez em 1888, 1.665 pontos; em 1890, 1.647 pontos; em 1891, 1.672 pontos; em 1892, 1.715 pontos; em 1893, 1.675 pontos; finalmente, em 1894 obteve 1.733 pontos.

No tiro federal de Genebra em 1887, Lüthi já se havia distinguido no concurso intercantonal de tiro de rapidez fazendo 62 cartões em 150 tiros, o que o classificava no 13.º lugar n'um concurso em que haviam tomado parte os melhores atiradores suissos.

N'esta época Lüthi era já um campeão respeitavel, mas devia fazer ainda grandes progressos que se manifestaram em 1894 a todos aquelles que o seguiam de perto.

No tiro cantonal bernense em Thoun foi classificado como segundo no alvo *Velocidade* (tiro d'um minuto) *ex-aquo* com o primeiro; no tiro cantonal de Lausanne obteve o 2.º premio no *Patria-Progresso* com o mesmo ponto que o primeiro; o 4.º no alvo *Lausanne* aos pontos e o 5.º no alvo militar. Finalmente, no concurso de tiro de Friburg em quatro cathogorias de alvos teve tres primeiros premios.

Temos dito o bastante para fazer comprehender aos nossos leitores que Frederico Lüthi não deve a um simples momento de felicidade o logar invejado que obteve no tiro de Winterthur; notemos alem d'isto que todos aquelles que o conhecem e que são outros tantos amigos foi com o maior prazer e sem pensamento reservado que festejaram o triumpho d'um atirador tão modesto como habil.

A CAÇA

DIZEM-NOS da Serra da Estrella, que n'aquellas paragens são em grande abundancia as perdizes.

Os amadores tem tido occasião de fazer boa colheita.

OS DECANOS DOS CAÇADORES

HA nas proximidades de Aix um proprietario, Luiz Germond, que tem mais de noventa annos e que desde os dezeseis, isto é, ha setenta e quatro annos, pede todos os annos licença para caçar.

Em Marselha, um outro com oitenta e tantos annos, João Antonio Durbec, tambem ainda este anno tirou a licença respectiva.

O RICOCHETE DAS FLÉCHAS

A historia da bala de Namur, que contei, a proposito de rícochetes, no *Tiro Civil* n.º 24, fez-me lembrar uma outra, não menos curiosa, sobre o rícochete das flexas, que, se me permittem, contarei tambem agora. E' algo parecida com a historia da bala de Namur, e custa, como ella, um pouco a acreditar; é, todavia, uma historia verdadeira, porque o seu auctor, Juan Mateos, não era homem que mentisse quando fallava de caça.

Deu-se com um pombo trocaz, animal relativamente pequeno, como se sabe, rotando-se, por isso, e por ser com um tiro de flecha, não menos curioso e interessante.

* Não é tão moderna como a outra, que ainda não tem, me parece, um evo; esta já é de larga idade; é do tempo em que as aves se matavam com a arma do Amor, a golpe de flecha, e os caçadores para se livrarem de ser por estas alcançados, se vestiam de couraças.

E' pequenissima; conta-se, portanto, em duas palavras.

No caso da bala de Namur, victimou-se um homem e um javardo; houve, por conseguinte, duas victimas: o porco e o homem.

No caso de Juan Mateos, houve uma victima só, um ser irracional.

Juan Mateos desempenhava o papel de caçador, o pombo, já se vê, o papel de caça.

Não sei se o pombo estava quieto, pousado, ou se voava, mas isso, para o caso, ao caso nada faz.

A flecha despedida contra o pombo resvalou-lhe pelo peito; o pombo, assustado, traça no espaço umas voltas e reviravoltas e acaba por descrever, atordoado, um circulo de cima para baixo. A flecha, de rícochete, vem a cahir na direcção do pombo e alcança-o precisamente na occasião em que elle sob ella muito rente atravessava.

O caçador, ao vê cahir o pombo, persuadiu-se que era outro; mas o seu *secretario*, um rapaz que consigo costumava levar para lhe apanhar as flechas e a caça, foi quem lhe ensinou o contrario, porque todo attento, o tinha bem presenciado.

Juan Mateos, examinando então o pombo, descobriu tambem o ferimento da primeira flechada, e, assim, ficou inteiramente certo de que, na verdade, se tinha dado a coincidência singular, o facto sublimemente extraordinario que aqui fica narrado.

Porto—Setembro, 1895.

Baptista de Sá.

LEGISLAÇÃO SOBRE PESCA

REGULAMENTO GERAL

DOS

SERVIÇOS AQUICOLAS

NAS AGUAS INTERIORES DO PAIZ

Approvado por decreto de 20 de abril de 1893

(Continuado do n.º 27)

ART. 29.º — Os governadores civis e administradores de concelho; os administradores dos circulos aduaneiros, chefes de delegação da alfandega e encarregados dos postos fiscaes; os chefes dos departamentos e seus agentes; a guarda fiscal; todas as autoridades dependentes do ministerio das obras publicas, commercio e industria, e corporações, auctoridades e funcionarios dos outros ministerios que pelas suas attribuições especiaes possam prestar concurso no ramo de serviço publico a que se refere este regulamento, darão ao inspector dos serviços de exploração das aguas interiores do paiz toda a coadjuvação e auxilio de que elle careça, sem dependencia de auctorisação especial, fornecendo todos os esclarecimentos e informações que elle reclamar com respeito aos assumptos da sua competencia.

ART. 30.º — Instrucções especiaes, approvadas pelo governo, estabelecerão os processos para a execução dos trabalhos e serviços que pelo presente regulamento ficam a cargo da inspecção.

CAPITULO III

Da conservação dos rios, rias, esteiros e lagoas do paiz em condições favoraveis ao seu repovoamento

ART. 31.º — A conservação dos rios, rias, esteiros e lagoas das aguas interiores do paiz, em condições de livre accesso e circulação das especies, de quietação do meio, e de conveniente

alimentação e abrigos para a fauna aquática, incumbem aos directores das circumscripções hydraulicas e aos seus agentes, nos termos do regulamento de 19 de dezembro de 1892, sobre serviços hydraulicos, observadas as disposições do presente regulamento.

ART. 32.º—Compete aos directores das circumscripções hydraulicas:

1.º Ordenar a prompta remoção dos obstáculos accidentaes, facilmente removíveis, que obstruam os leitos dos rios, rias, canaes e lagoas, principalmente nas embocaduras e confluencias dos rios, braços e esteiros, a fim de facilitar a derivação e circulação das especies;

2.º Propôr ao governo, ouvida a comissão central permanente de piscicultura, ou a requisição d'esta, a construcção ou adaptação especial de canaes ou vallas que facilitem a communicação dos cursos de agua entre si, ou com o mar, ou com zonas aquáticas convenientes para a habitação das especies;

3.º Exigir dos proprietarios a construcção das escadas ou planos destinados á subida dos peixes em todos os açudes e represas estabelecidas nos leitos dos rios, vallas, canaes e mais correntes de agua navegáveis ou fluctuáveis e de uso commum;

4.º Proibir através dos rios, rias, vallas, canaes e esteiros, bem como nas bacias e lagoas, a collocação de estacadas, ramagens, redes ou quaesquer aparelhos ou obstáculos continuos, moveis ou fixos, que possam impedir por completo a derivação e circulação das especies;

5.º Proibir a construcção de pesqueiras fixas de cantaria, alvenaria, pedras soltas ou de madeira, nas margens ou leitos dos rios, rias, esteiros e lagoas.

§ unico. Será permitida a reparação e concerto de pesqueiras actualmente existentes, quando por algum motivo sejam destruidas, contanto que não seja alterado o seu plano primitivo, nem prolongadas da margem para o leito do rio, ria, esteiro ou lagoa.

ART. 33.º—É expressamente prohibido empregar na pesca substancias explosivas.

ART. 34.º—É prohibido o arremesso de pedras ou corpos pesados, entulhos, lixo e animaes mortos, para dentro das aguas dos rios, rias, esteiros canaes e lagoas.

ART. 35.º—O estabelecimento de motores hydraulicos nas confluencias dos rios, rias, canaes e esteiros, e nos sitios onde da aproximação das margens resulte estreitamento sensível do curso das aguas só será permitido quando do funcionamento d'esses motores não resulte prejuizo para a circulação das especies.

ART. 36.º—É prohibida a extração de areias, lodos ou materias do leito das aguas sem previa auctorisação dos directores das circumscripções hydraulicas, a qual sómente será concedida quando d'isso não resulte prejuizo para a conservação de domicilios, desovadeiras ou comedouros da fauna aquatica.

(Continúa.)

UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1828

Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 27)

SE o teu macho cahir deixa-o levantar-se sósinho, d'outra fôrma estás perdido.

—Os machos não gostam que se intromettam nos seus negocios.

—Estamos ainda longe da cabana do teu caçador?

—A tres quartos de legoa, proximamente; mas gastaremos pelo menos hora e meia para os andar.

—Como quem diz o tempo preciso para fumar tres charutos.

A descida fez-se com felicidade. No fim de tres quartos de hora de marcha, ouvimos os latidos de um cão, e quasi ao mesmo tempo apercebemos uma luz, que brilhava por baixo de nós a uma profundidade prodigiosa.

—Ainda dez minutos e teremos chegado—disse-me o marquez—mas o resto do caminho não será dos mais faceis.

—Dirige uma préce ao teu anjo da guarda, que isso nunca prejudica.

De repente o meu macho parou imitando o do marquez que o precedia, e o cão continuava a latir.

Abriu-se uma porta e vimos o interior d'uma cabana esclarecido por um grande fogo.

—Não pôde ser senão o marquez de*** quem chega a semelhante hora, disse uma voz grossa e jovial.

—Os gallos do matto que tenham conta em si amanhã.

—Boas noites T*** — respondeu o marquez apeando-se. — Não esperavas vêr-me, não é verdade?

—Engana-se v. ex.ª A sua cama está feita desde hontem, e hoje percorri a montanha, durante todo o dia, para saber o paradeiro da caça.

—Trago-te um amigo, um francez.

—Sejam ambos bem vindos, excellentissimo.

Durante este colloquio tinha-me apeado e seguido o marquez para a cabana.

O fogo de que fallei illuminava a de cima a baixo e por todos os recantos, melhor do que o faria a claridade do dia. Pude portanto tomar conhecimento immediato dos logares, e da figura do nosso hospedeiro.

A cabana era espaçosa, limpa, e estava guarnecida com uma mobilia rustica muito solida. Havia um pequeno leito, á direita da chaminé, e outro muito maior á esquerda. O centro era occupado por uma mesa; n'um canto um bufete coberto de louça grosseira, fazendo frente a uma cantoneira do outro canto.

Do tecto pendiam mantas de toucinho, e o panno da chaminé continha um cabide d'armas, verdadeiro arsenal, composto d'uma petardeira, uma espingarda de dois canos, uma carabina, um par de pistollas, e um sabre de soldado, no punho do qual estava atada uma dragona e duas divisas de lã encarnada. Algumas gravuras vulgares, colladas nas paredes, representavam o rei Carlos Alberto, o imperador Napoleão, e o archiduque Carlos, os tres heroes da predilecção de T***

Quanto a este era o individuo mais singular que jamais encontrei; não me cançava de o admirar.

Tinha proximoamente seis pés d'altura, e ao contrario do que costuma succeder aos homens d'uma estatura tão elevada, conservava-se direito como um juncó. A magresa era phenomenal; as pernas e os braços de comprimento desmedido; nariz immenso, a bocca, sem um dente, fendida de orelha a orelha. O olho direito vivo, e muito aberto, contrastava com o seu visinho, que se conservava habitualmente fechado, como um homem quando faz pontaria. A pelle era da cor do cano d'uma bota velha, e tinha as rugas d'uma batata no fim da quaresma.

Pois bem! Este exterior bizarro até ao phantastico não me pareceu ridiculo.

Aquelle grande corpo delgado era agil e dextro em todos os seus movimentos; aquella figura heteroclitia respaldancia de espirito e de bondade; o olho aberto tinha benevolencia; sob a palpebra do que se conservava fechado via-se brilhar docentemente a fina chocarrise dos caçadores de profissão.

T*** não tinha idade, ao vél-o caçar, dar-lhe-iamos 25 annos, olhando-lhe para a cara attribuir-lhe-iamos um seculo.

A verdade é que contava 14 lustros, o que o não impedia de andar 15 horas a seguir sem descansar cinco minutos, do que tive a prova no dia seguinte.

Durante o meu exame, o caçador do marquez tinha descarregado os machos, que levavam a nossa bagagem.

(Continúa.)

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Fundada em 16 de novembro de 1893

SÉDE

225, 1.º — Rua da Magdalena — 225, 1.º

LISBOA

INSTRUÇÃO

Esgrima

Segundas, quartas e sextas

Classe de florete, das 8 1/2 ás 10 h. da noite.

» » sabre, » 10 1/4 ás 11 1/2 da noite.

Classe de esgrima de florete para os filhos dos socios de 10 a 15 annos nos mesmos dias dos adultos, das 8 horas ás 8 1/2 da noite.

Tiro

Terças e sabbados

Classe de theoria de tiro, das 8 1/2 ás 11 1/2 h. da noite.

Instrucção militar

Quintas feiras

Classe de esgrima de bayoneta, das 9 ás 11 1/2 h. da noite.

Quota mensal minima 300 réis, sem joia

Diploma com o retrato 500 réis

A matricula nas classes de esgrima não importa augmento de quota para o socio

GABINETE DE LEITURA E BIBLIOTHECA

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal—Rua Ivens, 35 a 41

AOS CAÇADORES



Grande Deposito de Espingardas

de 1 e 2 canos dos systemas

A PISTON e FOGO CENTRAL

CARABINAS

Colt e Winchester de 12 e 15 tiros; calibre 22, 32 e 44. CARABINAS Flobert, Merwin, Hulbert e d'outros systemas.

REWOLVERS

De diversos systemas e calibres. Legítimos revolvers americanos Smith-Wesson, Colt, Hulbert e outros.

Grande sortimento de todos os accessorios concernentes aos caçadores. Cargas para todos os systemas de revolvers e carabinas. Legítimas cargas americanas para as carabinas COLT e WINCHESTER e para os revolvers COLT e SMITH WESSON, superiores ás de fabricacção ingleza.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

F. A. VENTURA

Travessa de S. Domingos, 48 a 56

LISBOA

TYPOGRAPHIA

DO

COMMERCIO DE PORTUGAL

35 — RUA IVENS — 41

Encarrega-se de todos os trabalhos typographicos